

**FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ CURSO
DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

SAMUEL PEREIRA DO NASCIMENTO

**A ASCENSÃO DA CHINA: UMA ANÁLISE SOBRE O COMÉRCIO
INTERNACIONAL E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO (2000-2024)**

**RECIFE
2024**

SAMUEL PEREIRA DO NASCIMENTO

**A ASCENSÃO DA CHINA: UMA ANÁLISE SOBRE O COMÉRCIO
INTERNACIONAL E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO (2000-2024)**

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado à Faculdade Damas da
Instrução Cristã como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Relações Internacionais Orientador: Joyce
Helena Ferreira da Silva

RECIFE
2024

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

N244a Nascimento, Samuel Pereira do.
A ascensão da China: uma análise sobre o comércio internacional e a precarização do trabalho (2000-2023) / Samuel Pereira do Nascimento. – Recife, 2024.
37 f. : il. color.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Joyce Helena Ferreira da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Teoria do sistema-mundo. 2. China. 3. Divisão internacional do trabalho. I. Silva, Joyce Helena Ferreira. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2024.2-013)

SAMUEL PEREIRA DO NASCIMENTO

**A ASCENSÃO DA CHINA: UMA ANÁLISE SOBRE O COMÉRCIO
INTERNACIONAL E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO (2000-2024)**

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado à Faculdade Damas da
Instrução Cristã como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Relações Internacionais Orientador: Joyce
Helena Ferreira da Silva

Recife, ____ de _____ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Dr^a Joyce
Helena
Orientadora

Dr^a Artemis Holmes

Dr Victor Tavares

RECIFE
2024

Dedico este trabalho a minha mãe, meu pai e minha irmã, Maria , Renato e Mirella, que sempre me incentivaram a buscar a educação e fizeram o possível para que tudo fosse viável, mesmo que com muita luta, estou aqui presenciando este momento.

AGRADECIMENTO

Ao falar sobre todo o caminho trilhado até chegar ao presente trabalho, posso dizer que diversas pessoas estiveram comigo, e serei sempre imensamente grato a todas.

Agradeço ao meu pai, Renato, que não está mais entre nós, mas sempre fez o máximo possível para que eu tivesse acesso e oportunidades que ele não teve. Agradeço também à minha mãe, Maria, que se mudou de cidade junto comigo para facilitar minha jornada nos estudos, e à minha irmã, Mirella, que, embora tenha permanecido no interior onde morávamos, sempre me apoiou, me apoia até hoje e celebra comigo cada passo dado.

Ao meu mais fiel amigo, Gabriel, que esteve comigo em todos os momentos desses quatro anos, compartilhando aprendizados e tornando minhas noites mais leves e divertidas. Serei eternamente grato a ele, que levarei para a vida.

Às amigadas criadas com Marília, Jéssica, Maria Clara Carvalho, Maria Clara Paiva, Débora, Samuel, Maria Fernanda e demais pessoas da minha turma, que proporcionaram muita parceria e ajuda mútua ao longo desses anos. Juntos, compartilhamos um clima descontraído e de leveza que proporcionou bons momentos, sempre lembrados com carinho.

À minha orientadora e incrível professora, Joyce Helena, que se empenhou em me ajudar com materiais, direcionamentos, correções e muito incentivo, não medindo esforços para que eu pudesse conciliar os estudos e o trabalho. Foi uma verdadeira inspiração ao longo do curso, com suas aulas dinâmicas, didáticas e de fácil entendimento.

Por fim, agradeço a todo o corpo docente da Faculdade Damas da Instrução Cristã, que me proporcionou muitos aprendizados para a formação não apenas profissional, mas também humana de um internacionalista. Minhas sinceras gratificações a todos por essa divina oportunidade.

RESUMO

As mudanças na economia chinesa são notáveis ao longo dos anos, sendo possível observar o crescente protagonismo do país, à medida que ele alcança maior industrialização e sua produção se torna mais robusta, atendendo tanto ao abastecimento interno quanto externo. No entanto, também é possível perceber que, para que esse protagonismo ocorra, a força de trabalho da população precisa ser explorada de forma barata e indevida, o que traz malefícios ao povo e faz com que o país ocupe uma posição de subordinação no cenário internacional. Nesse contexto, a monografia propõe analisar como funciona a divisão internacional do trabalho e a posição em que a China se encontra, utilizando a teoria do sistema-mundo de Immanuel Wallerstein para fundamentar e comprovar os processos relacionados às mudanças econômicas da China no sistema internacional. A metodologia adotada será tanto qualitativa quanto quantitativa, explorando dados que evidenciem a ascensão e o declínio do país dentro do sistema capitalista.

Palavras-chave: teoria do sistema-mundo; China; divisão internacional do trabalho.

ABSTRACT

The changes in the Chinese economy have been remarkable over the years, with the country increasingly assuming a prominent role as it achieves greater industrialization and its production becomes more robust, catering to both internal and external demand. However, it is also evident that, in order for this prominence to occur, the labor force of the population must be exploited in a cheap and unjust manner, which causes harm to the people and positions the country in a state of subordination in the international arena. In this context, the thesis aims to analyze how the international division of labor works and the position in which China finds itself, utilizing Immanuel Wallerstein's world-systems theory to substantiate and verify the processes related to the economic changes in China within the international system. The methodology adopted will be both qualitative and quantitative, exploring data that demonstrate the rise and decline of the country within the capitalist system.

Keywords: world-systems theory; China; international division of labor.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - NÚMERO DE EXPORTAÇÕES EM 40 ANOS (1970-2010)	12
FIGURA 2 - GREVES COM BASE NO TIPO DA EMPRESA (2010)	17
FIGURA 3 - QUANTIDADES DE GREVES (1994-2010)	19
FIGURA 4 - TAXAS DE CRESCIMENTO ECONÔMICO (1980-2020)	22

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

OMC	– Organização Mundial do Comércio
OIT	– Organização Internacional do Trabalho
DIT	– Divisão Internacional do Trabalho
BP	– British Petroleum
ICU	– Intensive Care Unit
GPD	– Gross Domestic Product

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A CHINA NA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO: MÃO DE OBRA, PRODUÇÃO E CONSUMO GLOBAL	12
2 O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA ECONOMIA CHINESA: CATALISADOR PARA MUDANÇAS ESTRUTURAIS E PERPETUAÇÃO DE TRANSFORMAÇÕES	23
3 ANÁLISE DO DECLÍNIO ECONÔMICO CHINÊS DEVIDO AOS DESAFIOS NO COMÉRCIO EXTERIOR DESDE O INÍCIO DO SÉCULO	28
4 CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

A partir da Organização Mundial do Comércio, pode-se contemplar o crescimento da China, que em 2009 atingiu exportações equivalentes a cerca de 1,2 trilhão de dólares e se consolidou como o líder de exportação no mundo no mesmo ano, entretanto, em contraponto, esse crescimento trouxe também o aumento na comercialização de mercadorias e o trabalho exacerbado dos chineses fomentado pelo capitalismo.

O aumento na cadeia de suprimentos e inovação de forma barateada, tornou a China o principal fornecedor mundial, superando significativamente os anos anteriores.

Entre 2000 e 2009 foi marcado por mudanças significativas no processo de integração comercial tanto no que diz respeito ao seu volume quanto à localização dos seus fluxos. Se, por um lado, verificou-se crescimento explosivo das exportações de US\$ 249 bilhões em 2000 para US\$ 1,202 trilhão em 2009 (Leão; Pinto; Acioly, 2011, p. 34).

Adentrando a questão da produção de forma barata, é possível trazer algumas problemáticas junto a esta temática, tendo em vista que a produção a baixo custo precariza o trabalho e faz com que os indivíduos necessitem realizar as atividades laborais por mais tempo para que possam atingir o resultado esperado.

Além disso, é possível também salientar, a posição de superioridade onde os países do norte global se encontram em uma situação de influenciadores tanto em meio a política quanto a economia, e a partir desta posição hegemônica, buscaremos entender a partir de quais elementos a China busca para se encaixar nesse contexto.

A manutenção de algumas nações no sistema internacional se dá por uma forma muito influenciada como é o caso da China, muito embora o gigante da Ásia não funcione totalmente no formato dos países do norte global, a adaptação para sobreviver e ter destaque vem sendo um assunto muito tocado nos últimos anos, devido a assemelhar a condição de trabalho do país a de muitos países declaradamente capitalista para sustentar seu fortíssimo comércio exterior.

O presente trabalho busca trazer uma análise do aumento de demandas no comércio exterior chinês, dos anos 2000 até os dias atuais com base na metodologia qualitativa e quantitativa, explicitando a necessidade mundial no consumo de mercadorias de baixo custo ao ponto superar seus mercados nacionais.

Com o acontecimento desse fenômeno e com base em uma análise histórica,

é possível notar o crescimento de produção de mercadorias na China com o decurso dos anos, que trouxe muita melhoria econômica a nação asiática, além do status de superpotência mundial, crescendo por ano até mais que os Estados Unidos que lidera a economia no mundo atualmente.

O objetivo da temática visa mostrar a forma que esse processo de crescimento ocorreu e o quanto foi necessário que a China se encaixasse aos moldes do capitalismo em seu comércio externo para ter devida ascensão, sendo assim, a pergunta que norteia este trabalho é: como o comércio internacional contribui para precarização do trabalho na China? Tendo como finalidade o embasamento dessa narrativa.

1 A CHINA NA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO: MÃO DE OBRA, PRODUÇÃO E CONSUMO GLOBAL

A partir da produção constante na China e das suas importações e exportações em larga escala, é possível notar sua grande posição de protagonismo no comércio internacional, e ao decorrer dos anos ficou muito claro o crescimento da nação asiática, ao aumentar seus fluxos comerciais e potencializar suas reservas ao iniciar processos de flexibilização com muito países ao redor do mundo.

Ao ingressar na organização mundial do comércio(OMC) em dezembro de 2001, o país passa a ter uma regulação mais flexível e que lhe permite maior abertura com grande parte dos países e a melhoria na economia chinesa, uma vez que o país agiu com a redução das suas tarifas e barreiras comerciais.

Essas flexibilidade nas barreiras facilitam o acesso dos estrangeiros aos produtos chineses, atraindo mais investimento de fora, que possibilitou a melhora na industrialização e nas tecnologias que passaram a existir ou se desenvolver mais no país e também levando a nação a ser um dos maiores importadores e exportadores do mundo como é exemplificado no gráfico abaixo.

GRÁFICO 1 - NÚMERO DE EXPORTAÇÕES EM 40 ANOS (1970-

Peso das exportações
(Participação no PIB, em %)



Fonte: *World Development Indicators*/World Bank, 2012.

2010)

Muito embora o momento fosse de um crescimento tamanho, ao decorrer do tempo é possível notar o ônus da maior abertura no comércio exterior, com o crescimento acelerado da indústria nos setores de tecnologia e manufatura, levou a um aumento relevante da busca por mão de obra, o que passou a resultar em jornadas de trabalho excessivas que demandassem muito especialmente dos trabalhadores de indústrias (Organização Internacional do Trabalho, 2018).

Muitas fábricas possuem condições precárias de trabalho e deixam os trabalhadores em ambientes insalubres e é cada vez mais comum o relato de horas extras sem uma remuneração condizente, além disso, a mudança nas relações de trabalho e nas leis que facilitam a contratação e demissão tem gerado maior insegurança na vida do trabalhador chinês Wang, 2010).

A cultura de "trabalhar duro" no país é cada vez mais normalizada e pode mostrada a partir do termo "996" que vem se popularizando muito no país, referente as pessoas que trabalham das 9h às 21h, 6 dias por semana e que reflete na exaustão de grande parte dos trabalhadores.

Apesar do movimento ter criado mobilização online e também protestos, não houve uma solidarização ampla, o que ocasionou a continuação do trabalho "996".

A partir desse tipo de jornada de trabalho, um movimento no país está se opondo a essa forma de trabalho exacerbada, visto que é problemático que as pessoas tenham que submeter a jornadas tão desgastantes como essa para sobreviver.

O movimento "996.ICU" vindo do inglês "Intensive Care Unit", traz a ideia de que com essas jornadas de trabalho extremamente desgastantes, o funcionário vai tender a sair do trabalho diretamente para UTI e a partir desse movimento essa temática no país vem sendo bastante debatida na atualidade (Li, 2019)

A grande maioria das empresas incorpora o discurso de que a produção e a indústria não podem parar, e que as pessoas devem se adequar às empresas, e não o contrário. Por outro lado, uma parcela da classe trabalhadora ativa no movimento defende a conciliação entre o trabalho e a vida social, a fim de evitar adoecimentos físicos e mentais (LI, 2019).

Além disso, é possível notar que há diversas analogias que levam a países com formas de governo e sistema completamente diferente da proposta que é passada pela China por essa nova onda que está se instalando no país e mudando a estrutura de vida de grande parte da população, uma vez que o território chinês no século XXI,

de país abastecedor para a maior parte do globo, intensificando o capitalismo no comércio internacional e sentindo o impacto dele também internamente.

De acordo com a revista GeSec (2022), os gerentes chineses afirmam que os funcionários trabalham em média 12 horas por dia, sem que isso seja visto como um problema. Além disso, todos os funcionários, do setor operacional ao presidente, são integrantes de um "sindicato" que visa o sucesso operacional, já que a falência da indústria afetaria a todos.

Esse quadro está intimamente ligado à teoria de Wallerstein sobre o Sistema-Mundo, que descreve a divisão do mundo em três categorias hierárquicas: centros, periferias e semiperiferias.

A China, dentro dessa lógica, ocupa uma posição de semi-periferia, pois, apesar de ser um grande produtor industrial e uma potência nas cadeias de valor globais, ainda apresenta características típicas da periferia, como a exploração de mão de obra barata e condições de trabalho precárias.

A crescente inserção do país no capitalismo global o coloca, portanto, em uma posição ambígua: alcançando grandes números e relevância internacional, mas, ao mesmo tempo, enfrentando altos custos internos relacionados ao desgaste da sua força de trabalho para manter essa produção em escala.

A China é considerada uma nação semi-periférica a partir dessa teoria, visto que há exploração de mão de obra barata e condições de trabalho precária uma vez que se vincula cada vez mais e mais ao capitalismo.

Por outro lado, tem aspectos de protagonismo na industrialização e em cadeias de valor, fazendo com que o país fique nessa situação de alcançar grandes números internacionalmente mas ao mesmo tempo, o desgaste interno para produzir se torna muito alto (Martins, 2015, p. 10).

Com a entrada do capitalismo no território Chinês, nota-se que a globalização está moldando a vida da população de forma muito diferente, com a economia a todo vapor e a industrialização forte e mercadorias de pouco valor agregado, a produção chega a ser tão estrondosa que diversos trabalhadores mesmo ao trabalhar na escala de 12h por dias, ainda precisam muitas vezes se doar mais ao trabalho para que as operações de produção aconteçam.

A imagem espelhada no globo muitas vezes é retratada como uma grande mobilidade social, onde o país cresce imensamente e a vida dos seus cidadãos só

melhora, entretanto a prática se dá de uma forma muito diferente, pois principalmente entre os trabalhos de base, a precarização se encontra de forma alarmante.

Para além do território, é importante também trazer o ponto de que a produção chinesa no momento se encontra tão alta a ponto de ser viável produzir e levar a manufatura para outros países para que os custos se tornem ainda menores, dessa forma, servindo como um expansor de trabalhos precários para populações ainda mais vulneráveis que necessitam de trabalhar a qualquer custo para ter algum tipo de sustento.

A pressão por baixos salários resulta em condições desumanas de trabalho e mesmo em condições análogas à escravidão nos ambientes de trabalho, que está aumentando no mundo. Tais condições é a realidade corrente em países como a China, Vietnã e Camboja (Martins, 2015, p. 11).

Na divisão internacional do trabalho atual, a lógica seguida reflete na prática do sistema internacional como um todo, onde uma nação sobrepõe a outra na questão de qual é mais influente, uma vez que as potências econômicas são vistas como superiores, se torna mais fácil de exercer esse poder de influência.

É possível perceber que os referenciais de influência variam ao analisar uma região ou o sistema como um todo. A China, por exemplo, serve ao sistema internacional com sua produção em massa, mas também se destaca como o país mais influente da Ásia, devido ao seu tamanho continental e à economia robusta.

Outro ponto que pode também ser trazido em questão, são as mudanças das leis trabalhistas na China a partir do início do século que consistiu na flexibilização de contratação e demissão no país, de acordo com o China Labour Bulletin (2000-2010), cerca de 30 milhões de pessoas foram demitidas nessa lacuna temporal, passaram a ser mão de obra disponível no mercado e o protecionismo anteriormente estabelecido por Mao Tsé-Tung foi retirado, e no lugar dessa proteção do estado, foi colocada a visão do trabalho como uma mercadoria.

É possível notar que, a partir desse momento, a privatização de grande parte dos meios de produção na China fez com que a população trabalhadora se tornasse vulnerável às empresas privadas, com pagamentos reduzidos, menos benefícios e dependendo das decisões dos contratantes, perdendo a essência de ter o Estado como um grande regulamentador.

Os trabalhadores não eram mais empregados do Estado, mas empregados das empresas, e estas, claro, procuravam a maximização da produtividade e

do lucro. Como o trabalho estava em um cenário de super oferta, os empregadores podiam controlar o mercado, selecionar candidatos, determinando unilateralmente pagamento, condições, benefícios e termos do emprego. Além disso, os empregadores podiam controlar o crescimento e desenvolvimento das organizações dos trabalhadores [...]. O resultado dessas mudanças foi que a “liderança do governo” sobre as relações de trabalho estabelecida durante o período Mao foi quase completamente substituída por um sistema de trabalho sob a “liderança do empregador” que marginalizou e explorou os trabalhadores, privando-os, com efeito, de qualquer meio para proteção e busca de seus interesses (China Labour Bulletin, 2010, p. 7).

O processo de não interferência do Estado na proteção do trabalhador impulsionou ainda mais a precarização no trabalho. A diminuição da regulamentação por parte do Estado chinês resultou em condições de trabalho degradantes, especialmente para os trabalhadores migrantes das áreas rurais.

Como muitos não possuíam tanta instrução ou letramento, passaram a enfrentar maiores desafios ao ingressarem nas áreas urbanas, onde a pressão por produtividade é extremamente alta.

Como resultado, os trabalhadores, agora empregados das empresas e não mais do Estado, "eram controlados pelos empregadores, que podiam determinar unilateralmente pagamento, condições, benefícios e termos do emprego", marginalizando e explorando-os, sem meios de proteção ou defesa de seus interesses.

Uma pesquisa realizada no país mostrou que por volta de 30 milhões de pessoas saíram da área rural para a urbana nas últimas décadas, e essa movimentação foi extremamente árdua tendo em vista que a maior parte das empresas vai visar a maximização dos lucros em detrimento de condições de trabalho justas e Como resultado disso, cerca de 90% dos trabalhadores vindos da área rural tem uma jornada de trabalho de em média 12h por dia, que pode comprometer tanto a integridade física e também mental dos funcionários (Banco Mundial, 2014, p. 4).

Essa realidade mostra também a falta de apoio social e político no país, deixando os trabalhadores como dependentes do sistema econômico e resultando nessa classe trabalhadora marginalizada e explorada, que acaba por se encontrar sem opções de como sair dessa situação em um mercado que valoriza mais o ganho capital que a dignidade dos seres humanos.

Essa situação não apenas concretiza mais a desigualdade social, como também contribui para a insatisfação dos próprios cidadão para com o sistema que

passaram a viver.

Ao decorrer do tempo, esses abusos passaram a serem mais visibilizados internacionalmente visto que diversas ONGs defensoras de direitos trabalhistas passaram a relatar esse tipo de violação (Maciel, 2014, p. 8).

Analisando de forma percentual e pensando na proporcionalidade, é possível afirmar que a privatização de muitos meios de produção gerou muita insatisfação dos trabalhadores de serem vistos como máquinas, e é possível ver essa realidade refletida na greve que ocorreu no país em 2010.

As principais motivações para as greves se davam por questão de remuneração, contrato não assinado, anulação de contrato, não compensação por quebra de contratos e outros.

Com base nessas informações, é possível salientar que o discurso passado ao mundo em relação ao aumento na mobilidade social, que consiste na mudança de classe, é de certa forma distorcida, pois para a grande maioria da população, esse ponto vem a base de muito trabalho e não é significativa ao ponto da população se encontrar realmente satisfeita com seus ganhos.

A grande revolta da população pode ser notada principalmente com as empresas privadas, que para muitos foi um dos grandes erros de mudança na estrutura do país, pode-se notar que a expressividade de insatisfações no trabalho é alarmantemente maior quando se tratam de empresas privadas como fica explícito no gráfico seguinte, mostrando como a iniciativa privada pode ser maléfica aos trabalhadores uma vez que visam o lucro como objetivo principal ao ponto de não enxergar as necessidades.

GRÁFICO 2 — GREVES COM BASE NO TIPO DA EMPRESA (2010)



Fonte: China Labour Bulletin (2012).

Trazendo a tona o contexto das greves, se nota que a expressividade em números passou a ser cada vez maior a partir da insatisfação da população, mostrando as informações de forma numérica, é possível observar o aumento das greves 3 anos antes da lei de contrato de trabalho, o número de insatisfações foram refletidos nas greves.

Após a lei, as situações de trabalho continuavam precárias, haviam diversos desafios para que o governo conseguisse fazer a fiscalização das empresas e a situação continuava desfavorável aos trabalhadores chineses.

Ao traçar um comparativo entre o período anterior a virada do milênio, podemos evidenciar que as greves cresceram de forma estrondosa, mostrando o repúdio da população que não estava tendo suas expectativas supridas, trazendo a tona o outro lado da realidade industrial, onde as pessoas trabalham e são tidas como ferramentas de produção.

No gráfico seguinte, é notório que essa ausência de ação efetiva para com os trabalhadores tumultuou pessoas em diversos territórios do país em prol de mudanças para a classe trabalhadora, uma vez que a os trabalhadores estavam em condições ruins, que os deixava sujeito a piora de qualidade de vida, pois a quantidade de trabalho era exorbitante, exaustiva, e não os proporcionava um salário digno e condizente com a força de trabalho exercida.

GRÁFICO 3 — QUANTIDADES DE GREVES (1994-2010)



Fonte: China Labour Bulletin (2012).

A desigualdade social ainda é algo muito presente no território chinês, e a mobilidade social representada a partir da industrialização vem trazendo diversas consequências.

Trazendo o ponto de que a produção do país é representada tanto pelas suas zonas rurais e urbanas e é possível ver essa crescente da zona urbana ao ponto de predominar os meios de produções, não está claro como seria a transição de toda a classe de trabalhadores agrários.

A partir dessa movimentação na economia chinesa, podem haver uma série de fatores que levem a consequências bastante complexas no que tange ao setor agrícola, visto que foi a predominância do país durante longos anos.

No presente cenário, a realidade revela um desemprego de cerca de 150 milhões de pessoas na população rural, e as indústrias cada vez ocupando mais espaço e ao mesmo tempo que isso acontece, há um declínio na contratação nos setores industriais pois embora a demanda esteja muito alta, o trabalho das máquinas está cada vez mais desenvolvido.

Além disso os funcionários presentes na indústria fazem o "over delivery" que é esperado pelas empresas da iniciativa privada para suprir toda a demanda e poderem obter mais lucro, enquanto o desemprego tende a subir, uma vez que essa

movimentação ocorre.

A enorme massa de mão-de-obra, que continua crescendo em cerca de quinze milhões de pessoas por ano, ainda não tem um processo claro de absorção no mercado de trabalho, o que representa um grande desafio (Sakup, 2014, p. 91).

Uma vez que o trabalho é remunerado de forma baixa, horas extras não são compensadas e benefícios são extintos, se torna ainda mais interessante para que os empresários possam ter uma mais valia ainda maior, que consiste em usufruir em cima da maior parte do que é produzido pelo trabalhador, enquanto o funcionário fica com uma quantidade simbólico para sobreviver.

A partir do momento que esse tipo de questão ocorre e uma parcela da população entra em situação de vulnerabilidade, a solução para muitas pessoas que não encontram mais oportunidades na sua nação, é procurar alternativas no exterior, tornando a imigração uma possibilidade.

Se os chineses representam uma proporção importante entre os recentes refugiados econômicos na Europa, como nas últimas vagas de sans papiers da França, isso tem que ver, obviamente, com a situação nos seus lugares de origem (Sakup, 2021, p. 91).

Ao analisar os elementos supracitados, é possível perceber de forma clara a posição que o país ocupa no sistema internacional, além de ficar claro também a forma em que isso reverbera nas questões trabalhistas internas do país. Uma vez que a China é uma ofertante de mercadorias externamente, e demandante de força de trabalho internamente para produção desses produtos.

Deixando evidente que a estrutura não é sustentável, e leva consigo o tempo e a qualidade de vida das pessoas a base de muita pressão e exploração, além de também falhar no aspecto mais prometido que é o econômico.

Para além dos pontos que afetam a sociedade chinesa no que tange ao bem estar e vinculando as mudanças econômicas no país, pode-se notar que durante longas décadas, a China conseguiu alcançar ganhos financeiros muito significativos que ocasionaram a mobilidade social e o protagonismo da nação no cenário internacional.

No momento desses acontecimentos, a nação alcançou um grande auge de crescimento e muito prestígio por todo sucesso econômico alcançado. Na virada do século XXI, houve um crescimento muito significativo segundo a OMC, onde o país saiu de quinto colocado nos maiores exportadores do mundo para segundo.

Nesse período, os lucros internacionais do país alcançaram valores até quase seis vezes maiores, somente nessa lacuna temporal entre os anos 2000 e 2010, as exportações passaram a render de 30 bilhões de dólares para 170 bilhões, tornando a economia do país cada vez mais superavitária (Du; Lu, 2018).

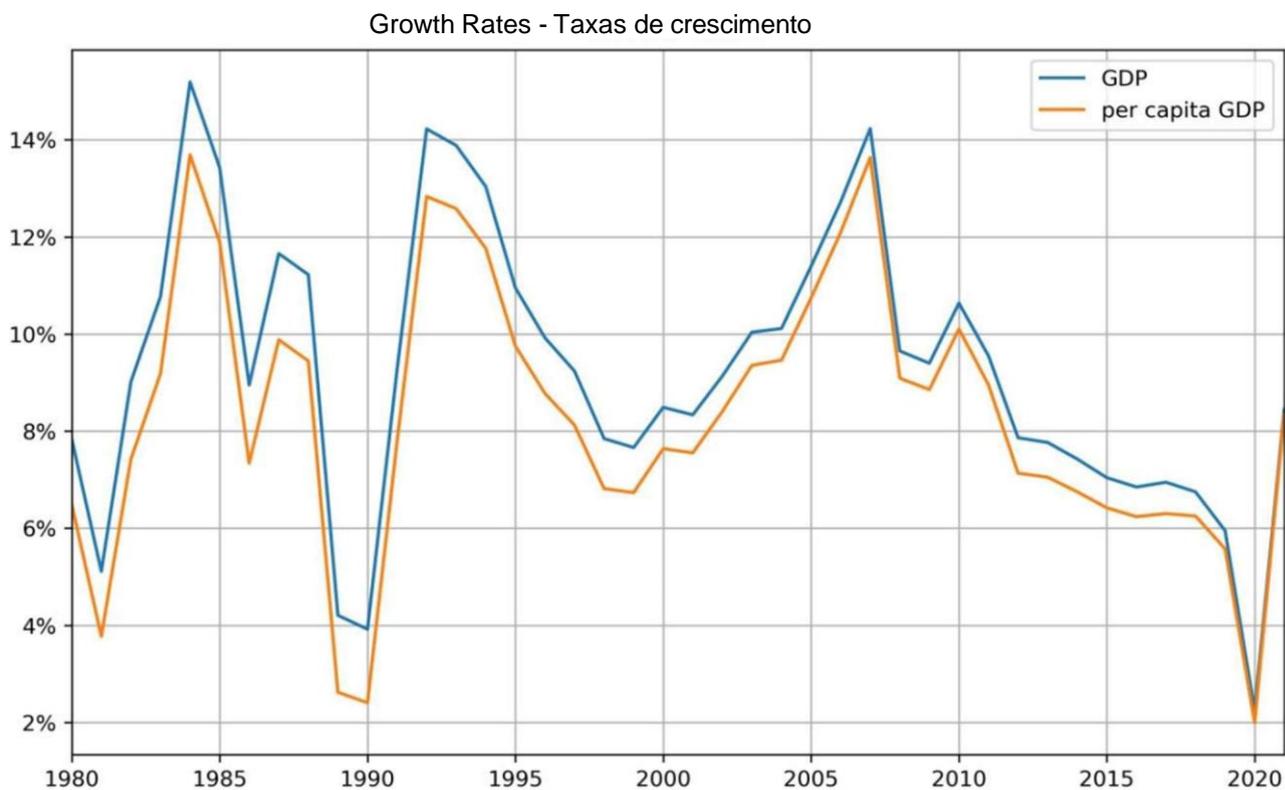
A partir de toda essa movimentação nas questões econômicas do gigante asiático, a economia passou a ser mais estruturada, robusta e ainda mais sustentável, uma vez que houve a promoção da industrialização e exportações cresceram de forma significativa, com uma frente política mais aberta ao comércio, possibilitou o crescimento da nação durante longos anos (Thortensen, 2012, p.30)

Com essas medidas adotadas baseadas em um modelo de crescimento com foco nesse mercado de exportação, as taxas de investimento tenderam a subir e foi um meio que aumentou a taxa de expansão da capacidade à taxa de crescimento de demanda agregada (Oreiro; Santos, 2023).

Entretanto, a partir desse crescimento expansivo durante muitos anos, foi possível se notar também que houve um período de declínio que vem sendo expressivo, após o ano bem sucedido de 2007 onde a China obteve o aumento do seu PIB em 14%, no anos seguintes é possível notar uma queda alarmante que diminuiu a estabilidade da nação asiática.

Além disso, um ano antes da pandemia do Covid-19 em 2019, a China crescia por volta de apenas 6%, que expressava a diminuição de aproximadamente 57% na taxa de crescimento econômico.

É possível notar abaixo que o Gross Domestic Product (GPD -Produto interno bruto) não foi bom ao ponto de criar uma grande mudança nas expressividades quantitativas de ganhos do país (lu; Song; Wang, 2018).

GRÁFICO 4 - TAXAS DE CRESCIMENTO ECONÔMICO (1980-2020)

Fonte : World Bank

Com base na amostragem dos dados, ao longo do desenvolvimento e ao decorrer da análise, seguiremos com o estudo em detalhes de como e quais foram os fatores que levaram o país a entrar nessa situação.

2 O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA ECONOMIA CHINESA: CATALISADOR PARA MUDANÇAS ESTRUTURAIS E PERPETUAÇÃO DE TRANSFORMAÇÕES

A China mesmo ocupando atualmente o lugar de segunda maior economia mundial e sendo conhecida por ter uma produção bastante robusta, também teve muita instabilidade durante o período da covid-19, e esse fator acabou contribuindo para o país enfrentar uma situação de dificuldade que promoveram mudanças intensas no país.

Pelo fato do gigante asiático ser a primeira nação a passar pela covid- 19, o impacto foi imediato e muito severo, tendo em vista que não haviam parâmetros de gravidade da doença, nem tratamentos uma vez que a doença não era antes conhecida.

Há diversos pontos principais que impulsionaram um devido declínio na nação asiática, um deles foi o declínio de produção do comércio chinês.

Com o país sendo detentor das principais fábricas do mundo, teve a desaceleração de forma significativa da sua produção industrial devido das fábricas e de toda paralização nas cadeias de suprimento mundial, tendo em vista que diversos países decidiram parar muitas importações vindas da China até que as coisas se normalizassem, que afetaram o país em sua balança comercial, uma vez que o número de reservas entrando passou a ser menor.

Outro fator crucial para o declínio chinês ao decorrer de parte significativa desse período foi também a queda no consumo interno da população, pois a partir do momento que começaram a instaurar o famoso "lockdown" e as restrições que faziam com que as pessoas tivessem a mobilidade reduzida, afetou drasticamente o consumo doméstico do país, tendo efeito imediato nas áreas de varejo e comércios externos de modo geral, como bares e restaurantes também (Chen, 2020).

Levando consideração a condição da China e um ponto de piora, podem ser citadas as situações de tensões com os EUA e outras potências globais, fazendo com que o país tivesse a economia encolhida em cerca de 6,8% no primeiro trimestre de 2020, que ocasionou o pior momento econômico do país em várias décadas. (CHINA'S, 2020).

Vale a pena também, salientar, que o endividamento no setor imobiliário do país, que foi drasticamente impactado durante a pandemia da covid-19 com uma grande crise de liquidez, uma vez que foram gerados bilhões de dólares em dívidas não pagas e ocasionou com que vários projetos não pudessem ser concluídos.

Como um efeito em cadeia, porém não surpreendentemente, diversos setores também foram afetados durante esse momento no país, como os setores de financiamento, de construção e material para construir, trazendo o fator da economia como um indicativo decrescente naquele momento.

A crise desse setor, acabou trazendo um grande problema a longo prazo, que foi a questão da dependência excessiva do crédito e do endividamento, mostrando ser um crescimento falho e insustentável.

Nesse momento do país, na tentativa de conter toda essa problemática, o governo tentou por sua vez, controlar a situação implementando políticas que ajudassem os cidadãos do país a se reerguerem e vencer as dívidas, e apesar disso ter controlado diversos riscos financeiros, acabou fazendo com que o setor de construção civil e venda de imóveis recuasse, ocasionando declínio em setores cruciais para maior crescimento da nação (Wang, 2020).

Outro ponto importante de ser citado sobre esse momento de declínio, é a questão de como o país passou por um momento de crise sanitária e as desigualdades sociais foram muito demarcadas durante esse período, tendo em vista que as áreas rurais para terem acesso a saúde e infraestrutura digital.

Além disso, também nas cidades grandes e durante o auge da pandemia, houve também o aumento do desemprego e a queda na renda de muitas famílias, o que contribuiu para que a recuperação passasse a ser mais lenta (THE DEMOGRAPHIC, 2020).

Para além desses aspectos da presença da covid-19 no país, é possível notar e argumentar que o capitalismo na sua essência já tornaria e vinha representando um desafio estrutural ao país que pode se estender a longo prazo.

Ao pensar no sistema capitalista, com seu modelo de acumulação de riqueza, acaba gerando desigualdades e esse processo de deterioração ocorreu lentamente ao longo do tempo, pois o capitalismo inicialmente atrai as nações, mas se torna insustentável para um país que busque promover igualdade entre sua população.

A curto prazo e pensando em um ambiente onde a economia é muito robusta, a ideia de estabilidade é montada, mas ao mesmo tempo que para que muitos

consigam ter o acúmulo de capital, é necessário que muitas pessoas trabalhem de forma muito exacerbada para que isso aconteça.

Esse fenômeno do capitalismo pode ser notado tanto nas zonas rurais quanto urbanas, visto que é um problema que vai adentrando todos os contextos dentro de uma nação.

Apesar do impacto do covid-19 ter ocasionado esse declínio de forma mais acelerada, é possível enxergar como um ponto de inflexão, mas não é o motivo principal da desigualdade gerada no país, uma vez que a lógica do capitalismo é maximizar os lucros e reduzir custos, que promove um grande desajuste entre as classes sociais (Breslin, 2007).

A partir da teoria do Sistema-mundo anteriormente abordada, pode-se notar que os crescentes problemas as cerca dos impactos do Covid-19 acabam contribuindo para que as diversas esferas de uma sociedade perpetuem indivíduos sendo vistos como de segunda classe.

É possível ter a confirmação dessa narrativa ao analisar que o sistema baseado em capital é utilizado não que danifique a máquina de produção não somente interna de países emergentes, mas também toda sua colocação no cenário global.

A China muito embora seja a segunda maior potência econômica hoje, é possível notar que no cenário internacional, a produção do país é vista como barata e não valorizada, e internamente o país perde muito o valor de igualitário uma vez que um novo sistema passa a sobrepor o socialismo e as pessoas passam a ter jornadas longas de trabalho e fazem isso para enriquecer outros indivíduos.

A ligação de toda essa situação caótica do capitalismo atrelada ao agravante do covid-19 pode-se notar através da ausência de assistencialismo em diversas regiões do país e também retrata como o país passa a ficar dependente do sistema e empresas privadas para que funcione e as pessoas possam viver, sistema esse que irá priorizar sempre o empresariado,

A vulnerabilidade no país foi algo muito exposto no período da pandemia e foi onde mais mostrou que o capitalismo impulsiona o colapso em tempos de anormalidades tal qual o covid foi.

Além disso, com o acúmulo de pessoas sem suporte principalmente em áreas rurais, deixa explícito como as pessoas passaram a depender tanto das iniciativas privadas, e como nas regiões mais interioranas do país a quantidade de empresas é menor, as pessoas ficaram ainda mais sem recursos nesse momento difícil.

Essa estrutura é relativamente nova na China, mas amplamente adotada em países que seguem políticas de menor intervenção estatal, transferindo a responsabilidade pelos cuidados à iniciativa privada.

É possível notar que essa estrutura aplicada é relativamente nova no território chinês, porém muito aplicada ao redor do mundo, em países que adotam medidas de menor estado, e a responsabilidade sob os cuidados com a população passa para iniciativa privada.

Ao permitir que isso aconteça, a convivência com o sistema global faz com ele prevaleça, tendo em vista que os laços de dependência são criados e o estado enfraquece (Wallerstein, 2005).

Outro ponto que pode ser trazido como problemático para esse contexto pandêmico que se perpetua e é impulsionado pelo capitalismo, é o fato de que funções essenciais são privatizadas, como ocorreu na saúde, a iniciativa privada passou a garantir a produção de medicamentos e equipamentos médicos, promovendo os interesses empresariais e sendo o provedor de serviços essenciais (Coplin, 2020).

O enfraquecimento do Estado é evidenciado pela ideia de que ele deixa de ser o principal intervencionista em outros setores uma vez que são privatizados, perdendo parte de sua soberania em relação à população (Arrighi, 2007).

Essa movimentação onde o estado privatiza órgãos públicos, é muito característica do capitalismo de estado, uma vez que os interesses do empresariado dominam as necessidades sociais de modo geral.

Para além das questões de domínio de classes e da privatização no país, é possível notar que o governo da república da China buscou encontrar melhoras durante o período da pandemia.

Após o primeiro semestre de 2020, a China alcança certo grau de recuperação e implementava medidas bem rígidas para que a economia voltasse a funcionar como antes, por isso o governo partiu para investimentos robustos na indústria de tecnologia e manufatura, mas ainda assim pode se afirmar que a recuperação ocorreu de forma muito desigual tanto entre as zonas rurais e urbanas, e também entre setores.

Em meio aos problemas da pandemia, o país passou a implementar uma política que visava acabar com a Covid, que basicamente funcionou como uma forma de buscar conter o vírus de todas as formas possíveis para que não chegasse a um maior número de pessoas, e esse feito funcionou durante o primeiro semestre de 2020, mas em contrapartida, essas medidas fizeram com que o país tivesse altos

custos econômicos.

Uma das medidas adotadas foi o isolamento social, através do lockdown, que acabou gerando a desaceleração econômica no mercado interno e também no comércio exterior chinês Silva, 2023.

A China em suas medidas rigorosas relacionadas a Covid-19, como o isolamento e o lockdown, acabou tendo grandes custos em muitos sentidos, pois sua economia desacelerou não apenas dentro de sua nação, mas também com o resto do mundo. No entanto, as dificuldades que a Covid-19 trouxeram para a China, não podem ser consideradas isoladas, dado que a economia do país já enfrentava problemas no comércio externo no início do século XXI, com impactos que necessitam de uma análise de forma mais minuciosa.

3 ANÁLISE DO DECLÍNIO ECONÔMICO CHINÊS DEVIDO AOS DESAFIOS NO COMÉRCIO EXTERIOR DESDE O INÍCIO DO SÉCULO

Tendo como base o início do século XXI, a China alcançou uma posição de uma das economias mais dinâmicas do globo, dando sequência a um momento de reformas que teve início nas últimas décadas do século XX.

Logo em seguida, no ano de 2001, a China entrou na Organização mundial do comércio e teve um ponto de inflexão, que ajudou a consolidar a integração do país ao sistema econômico mundial.

O crescimento do país não foi isento de dificuldades, mas a China caminhava de forma bem sucedida até o momento, entretanto, o avanço do país acabou gerando tensões no sistema internacional, especialmente quando se trata das relações com os EUA, muito embora a crise mais profunda tenha ocorrido mesmo durante a pandemia de COVID-19 no fim de 2019 na China, pois a propagação do vírus resultou nas medidas rigorosas de lockdown que diminuíram os fluxos econômicos internos e externos (Wang, 2024).

Além de todo contexto pandêmico prejudicando a nação asiática, haviam outros fatores que impediram um maior desenvolvimento do país em períodos anteriores ao vírus, como em 2018, quando guerra comercial travada entre os EUA e a China mostrou muitas vulnerabilidades na estrutura dos dois países.

Anterior ao período de COVID-19, a nação asiática já passava grandes desafios, entre os quais a guerra comercial com os Estados Unidos que teve início em 2018 era um dos principais fatores para que houvesse declínio. A disputa foi criada pelas tarifas impostas pelos EUA devido a práticas comerciais injustas, como deficits comerciais e transferências forçadas de tecnologia. As tarifas acabaram aumentando os custos de exportação da China, e também prejudicando a competitividade do país, além de retardar o crescimento econômico e a China enfrentava desafios no setor tecnológico, com restrições comerciais a componentes-chave como a Huawei. Além disso guerra também criou incerteza, pois acabou por afetar os fluxos de investimento estrangeiro e aumentou a desconfiança nas políticas comerciais da China. Essas razões expuseram as fraquezas estruturais da China e prepararam o terreno para um impacto econômico mais forte que estava por vir na pandemia da COVID-19 (Rohatgi, 2024).

Como agravante de declínio, ao se deparar com a pandemia e devido a China ter sido o primeiro país a ter casos de covid, as parcerias comerciais internacionais passaram a se distribuir por outros países asiáticos, onde a mão de obra também era barata e compensava usufruir da produção desses países, o que acabou por ocasionar mais declínio externo da China.

Além disso, muito na tentativa de perpetuação da China nesse lugar de diminuição econômica, o presidente estadunidense Donald Trump impôs tarifas aos produtos vindos da China para os Estados Unidos e também foi um fator que influenciou nas exportações chinesas (Gereffi, 2019).

Outro ponto que é importante também salientar a respeito de impulsionamentos do declínio foi o surgimento de outras nações na Ásia que podem exercer funções parecidas as da China, e foi provado que é possível durante a crise pandêmica, países como Vietnã e Índia possuem grande potencial para ocupar posições importantes na produção.

No mercado da manufatura, esses países começaram a elaborar estratégias de diversificação, pois dessa forma é possível atrair o investimento de outros países estrangeiros, tirando da China algumas das áreas que antes era tomada somente por ela (Ekatpure, 2024).

Nesse contexto de enfraquecimento na exportação e conseqüentemente na produção chinesa, pode-se ver também a problemática da China ser um país que passou a se encontrar mais isolado durante o período.

Além disso, o contato com a grande maioria dos países é apenas para fins comerciais, e ainda nesse contato relativamente baixo, houve a diminuição uma vez que a China dificilmente obtém êxito na tentativa de montar blocos econômicos com países que sejam robustos no sistema internacional (Ferchen, 2023).

Tendo como base esses acontecimentos que marcaram o país em um momento que a economia foi abalada, pode-se entender que o capitalismo de estado funcionada de modo muito centralizado e essa foi a forma que a China chegou a devido protagonismo internacional e se tornou a segunda maior potência do mundo, mas no momento em que a crise chega, o sistema que beneficia o empresariado leva tudo consigo.

Uma vez que o país é isolado da comunidade internacional, é possível notar que a sua capacidade do país saber lidar com as diferenças nas preferências dos consumidores acaba sendo perdida (Bell, 2015).

Tendo em vista toda a crise do comércio exterior chinês, pode se afirmar que não é um evento isolado, mas é na verdade, uma consequência das dinâmicas do sistema-mundo de Wallerstein.

O capitalismo global, com a busca exacerbada e incansável pelo lucro e sua estrutura desigual de poder econômico nas mais diversas estruturas de nações ao redor do mundo, contribuiu para o declínio de diversas economias, incluindo a chinesa.

Portanto, a teoria de Wallerstein mostra e também traz como sugestão que o capitalismo, com suas contradições intrínsecas, acaba por gerar muita instabilidade e crises para as economias periféricas, fazendo com que seja dificultoso o avanço sustentável e equitativo de países como a China no sistema global.

A teoria de Wallerstein, conhecida como “teoria do sistema mundial”, busca explicar como o sistema econômico global funciona de forma desigual.

Divide o mundo em três categorias: países centrais, países semiperiféricos e países periféricos. Os países centrais são os mais desenvolvidos e dominam a economia global, enquanto os países periféricos são os mais pobres e dependem das exportações e do desenvolvimento dos países centrais.

Os países semiperiféricos situam-se algures entre estes dois extremos, com economias em crescimento, mas ainda dependentes do governo central. No caso da China, a teoria de Wallerstein pode ser usada para compreender que, apesar do seu enorme crescimento econômico, o país ainda luta para se tornar uma potência totalmente auto-suficiente no sistema global.

Isto porque a natureza contraditória do capitalismo pode facilmente levar à desigualdade entre países, o que significa que é difícil para países periféricos como a China, nas suas fases iniciais, alcançar um crescimento equilibrado e sustentável.

Embora a China tenha feito grandes progressos nas últimas décadas, ainda está no sistema econômico global dominado por países centrais (como os Estados Unidos e os países europeus), o que limita o seu desenvolvimento justo e justo.

Por outras palavras, Wallerstein argumentou que o capitalismo global, no qual as nações centrais controlam a maior parte dos recursos e da tecnologia, cria dificuldades para países como a China, que, apesar do grande progresso, ainda dependem das nações mais ricas para o controlo do poder e do comércio. Isto pode criar crises e instabilidade, dificultando o desenvolvimento de um sistema global mais justo (Wallerstein, 1974).

Ao realizar uma análise com base nos últimos anos, pode se dizer que economia do país não possui estrondosas movimentações de crescimento como nos anos de adentramento do capitalismo na nação asiática.

No ano de 2020, foi notório uma grande desaceleração na economia, onde o produto interno bruto(PIB) do país teve o crescimento de apenas 2,3%, que a partir de uma análise foi visto e comprovado que foi mais baixo nos últimos 40 anos, pois antes era comum se ter um crescimento consistente que girava em torno de 6% a 7%.

No momento seguinte, já em 2021, é possível dizer que houve uma recuperação de crescimento, onde ocorreu a melhora para cerca de 8,1%, mas embora esse feito tenha sido realizado, o desafio do Covid 0 começou a afetar a economia nos anos seguintes, uma vez que o isolamento proporcionou a diminuição na indústria e demandou muito investimento para a saúde, deixando um cenário onde a economia estava decrescendo nos anos seguintes.

Outro ponto importante a ser citado, é que o fluxo de investimento estrangeiro direto (IED) direcionado a China também sofreu sendo impactado pelo contexto de crise na pandemia, pois muitos investidores escolhendo destinos alternativos devido à incerteza gerada pela crise. Muitos países membros da ASEAN começaram a atrair mais investimentos, competindo diretamente com a China em setores estratégicos como manufatura e tecnologia do país.

Em 2022, a crise imobiliária e a potencialização da política do Covid 0 fez com que a economia crescesse apenas 3% em termos de PIB.

Já partindo para o ano seguinte, pode-se dizer que os fatores que deixaram o país declinar foram mudando uma vez que a pandemia estava sendo superada, e a China por sua vez em 2023, teve um crescimento de 5%, que o que aparentemente pode ser visto como bom ou positivo em relação ao ano anterior, mas ao mesmo tempo é bastante notório que a potência da ásia passou longe do que era esperado para uma das maiores economias mundiais.

No presente ano de 2024, os indicativos teorizam a respeito da China continuar a crescer economicamente, entretanto com taxas bem menos expressivas que em seus primeiros anos de ascensão no sistema internacional.

Além acredita-se que essa desaceleração seja devida tanto ao fato da população estar se tornando mais velha, e também devido as grandes mudanças no comércio global, uma vez que a produção também está em novos países periféricos e a China por sua vez, tem um espaço compartilhado (Bank of China, 2023).

A partir dos todos acontecimentos relacionados ao crescimento de forma mais fraca, se torna inegável que o país continua a exercer seu papel de protagonismo, entretanto devido a essa máquina de sistema só funcionar a partir da força de trabalho em excesso, percebe-se que o país tende a diminuir seus números uma vez que a população está mais velha e não pode trabalhar tanto, ou até mesmo com as mudanças do comércio internacional que impactam no comércio exterior chinês,

Pode-se dizer, que esse crescimento de forma lenta impacta em todas as esferas internas e externas ao país, uma vez que internamente a situação dos indivíduos passa a ser mais difícil e externamente o globo para a redirecionar as suas demandas uma vez que a produção não está sendo totalmente atendida.

Ao enxergar a situação da China neste contexto, é possível facilmente vincular os ideais teorizados na divisão internacional do trabalho sob a população, uma vez que o declínio econômico gera instabilidade e faz com que as formas de trabalho precisem se reorganizar, sendo uma situação que os coloca em uma posição de subserviência em prol do capitalismo (Wallerstein, 2005).

Em síntese, este cenário da desaceleração da economia chinesa pode ser refletido nas mudanças que ocorrem tanto no âmbito tanto interno quanto externo também, pois ao combinar o envelhecimento da população a um sistema que requer o trabalho em excesso e as mudanças nas dinâmicas do comércio exterior coloca o país em uma situação vulnerável, onde é possível ver desafios econômicos a partir da estrutura e da conjuntura.

No processo de desacelerar, é possível afirmar que não só compromete a capacidade de resposta da nação às próprias necessidades, como também é possível notar que interfere no equilíbrio das relações internacionais da China com os outros países, que acaba exigindo um processo de reconfigurar a divisão internacional do trabalho.

A China, ao se deparar com esses desafios, acaba por ficar em uma situação de cada vez mais dependência de reestruturação do modelo de produção e de uma adaptação as exigências do capitalismo, o que acaba implicando em um crescimento menor.

4 CONCLUSÃO

Com base no papel da China no cenário internacional, é possível notar que o país desenvolveu uma crescente ao longo de muitos anos e que seu comércio exterior foi muito fortalecido no mundo sob a ótica de uma visão capitalista e de alcançar uma grande posição de protagonismo, além de se tornar mais sustentável financeiramente a partir da produção massiva para ganho de capital.

Esse cenário reflete a realidade de um país que conseguiu ascender economicamente, se tornou a segunda maior economia mundial e passou a ser mais cobiçado para negócios e se tornou mais notável, entretanto, o país se viu em uma situação de trabalho excessivo para manter esse padrão de conquistas, fazendo com que seus trabalhadores tivessem jornadas de trabalho exaustivas para que pudessem continuar suprindo as expectativas mundiais e tendo cada vez mais superávit.

Buscando analisar esse contexto de mudança na dinâmica de uma país, a teoria do sistema mundo, confirma a ideia de que a china é uma semi-periféria, uma vez que tem muito êxito, mas demanda um esforço tamanho para que o status econômico internacional seja mantido, tendo em vista que com base na teoria do autor Wallerstein, os países que não fazem parte de um grupo central, que controlam o capital, o poder político e a tecnologia, mas sim fazendo parte do grupo de países que desempenham um papel importante no cenário de abastecimento global com a produção de manufaturados e recursos naturais, mas estão fadados a ficarem nessa situação.

É possível ver também dentro da teoria, a divisão internacional do trabalho, pois a DIT reflete em como cada região no mundo faz parte de maneira desigual do processo de produção mundial, uma vez que a produção de bens é dividida a partir das vantagens de cada região comparada, e quando se trata das periféricas e semiperiféricas, pode-se dizer que se encontram presas a funções de baixo valor agregado enquanto os países centrais dominam os setores de maior valor e serviços de alto nível.

Essas teorias em conjunto, ajudam a explicar a razão do porque o comércio internacional contribui para que as nações mais ricas permaneçam sempre no topo, enquanto as mais pobres e intermediárias, podem ter a falsa ilusão de ascensão, tornando o tema essencial de ser estudado para entender dinâmicas globais que envolvem poder e riqueza nos países centrais, enquanto as nações não pertencentes,

as desigualdades e injustiças que vão persistir devido a essa diferença de valores que são atribuídas a cada nação.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. F. Ascensão Chinesa, as transformações da Economia-mundo capitalista e os impactos sobre Os padrões de comércio na América Latina. **Revista Tempo do Mundo**, [S. l.], v. 24, p. 135-174, 2021.

BARBOSA, A. F. China e América Latina na nova divisão internacional do trabalho. In: **A China nova configuração global: impactos políticos e econômicos**, LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira; PINTO, Eduardo Costa; ACIOLY, Luciana. Brasília Ipea, 2011. p. 269-305.

BELL, Daniel A. **The China model: Political meritocracy and the limits of democracy**. Princeton: Princeton University Press, 2015.

BRUNO, Carlos Eduardo. **A economia política da China contemporânea: entre o socialismo e o capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CHINA LABOUR BULLETIN. **Relatório sobre as relações de trabalho na China**. 2010.

CHINA'S GDP falls 6.8% in the first quarter of 2020. **National Bureau of Statistics of China**, 2020.

CHUNG, Jae Ho. China's global reach: a new economic superpower. **Journal of East Asian Studies**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 145-178, 2017.

DUPAS, G. **As Dimensões da Globalização na Teoria do Sistema Mundo**.

GILL, Stephen. **The global political economy and the Chinese economy**. London: Palgrave Macmillan, 2016.

HASSAN, Zia. **China's Belt and Road Initiative: global power shift and impact on trade**. Asian Studies Review, [S. l.], v. 45, n. 3, p. 435-457, 2021.

HU, Z. **China's globalization and the labor challenge**. Beijing: China Social Sciences Press, 2020.

JAHANGIR, Ameer. The global economic implications of China's rise. **Journal of International Commerce and Economics**, [S. l.], v. 23, n. 4, p. 234-257, 2020.

JIN, G. **The labor market in post-reform China: challenges and changes**. Beijing: Peking University Press, 2018.

JIN, J. **China's rise and the future of international trade**. Beijing: China University Press, 2019.

- LI, Xiaotian. **The 996. ICU movement in China**: changing employment relations and labour agency in the tech industry. [S.l.: s.n.], 2019.
- LIN, Z. The Chinese economic miracle and the new international division of labor. **International Review of Political Economy**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 65-82, 2022.
- LIU, Xin. **Economic restructuring and labor markets in China**: a critical overview. Beijing: Economic Publishing House, 2018.
- LIU, Z. Labor rights and market reforms in China. **Journal of Chinese Labor Studies**, [S. l.], v. 19, p. 78-91, 2019.
- MACIEL, Cleiton Ferreira. **“De Mao a pior”? A questão trabalhista na China contemporânea**. São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 2014.
- MARTINS, José Ricardo. **Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo**: uma teoria ainda atual? Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2015.
- MARTINS, C. A. Economia Chinesa e a sua integração na Economia Mundial. **Boletim Económico**, Portugal, Inverno, 2005.
- NAKAMURA, K. **The Chinese economy and its global role**. Tokyo: Keio University Press, 2020.
- RAJAGOPAL, S. China's shifting role in global capitalism: a new international division of labor. **Asian Economic Policy Review**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 35-53, 2021.
- SAKUP, Viktor. **A China frente à globalização**: desafios e oportunidades.
- PEI, Minxin. China's governance model and its impact on the global order. *Journal of Democracy*, [S. l.], v. 32, n. 4, p. 36-51, 2021.
- TAN, Ying. **Global supply chains and China's strategic responses**. Beijing: China Economic Publishing House, 2019.
- WANG, S. **China's transformation and global competitiveness**. Beijing: Springer, 2020.
- WANG, T. **Economic reforms and labor market changes in China**. London: Routledge, 2019.
- ZHANG, B. China's trade policies and global supply chains. **International Trade Journal**, [S. l.], v. 34, n. 3, p. 123-145, 2021.
- WANG, Haifeng. China's Economic Recovery and Challenges Post-COVID: The New Normal. **Journal of Chinese Political Science**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 211-228, 2023.
- XINHUA NEWS AGENCY. **China's GDP Growth in 2021 Tops 8%, Rebounding Strongly**. 2022.

HAMILTON, T. The rise of China: implications for global economic structures. **Journal of International Political Economy**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 89-105, 2021.

PANG, D. China's place in the new world economy. **Journal of East Asian Studies**, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 44-63, 2022.

THE DEMOGRAPHIC consequences of China's aging population and its economic impact. **Journal of Asian Economics**, v. 70, p. 1-15, 2020.

YUAN, S. **The new international division of labor: China's position in global trade**. Beijing: China Academy of Social Sciences, 2020.

ZHANG, L. **China and global trade networks: challenges and prospects**. New York: Palgrave Macmillan, 2021.

ZHANG, R. Chinese labor market and employment relations: a shift towards a capitalist system. **Journal of Chinese Economy**, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 188-204, 2020.

WU, L. China's growth and the global economic system: a critical analysis. **Journal of Global Economics**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 200-214, 2020.

VALADÃO, P. A. **Economia Chinesa: Evolução e Tendências**.

WALLERSTEIN, Immanuel. **World Systems Analysis: An Introduction**. USA: Duck University Press, 2004.